

Pronomes que também são termos: análise contextual dos pronomes *yo* e *ello* em textos de psicanálise no par de idiomas espanhol-português*

Pronouns Also Used as Terms: a Contextual Analysis of the Pronouns yo and ello in the Spanish-Portuguese Translation of Psychoanalysis Articles

Ana Rachel Salgado**

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
Porto Alegre - Rio Grande do Sul / Brasil

RESUMO: A psicanálise é uma área que se caracteriza por produzir artigos com temáticas variadas e na qual são encontradas palavras do léxico geral usadas como termos, o que pode constituir uma dificuldade tanto para o reconhecimento terminológico quanto para a tradução. Além disso, uma mesma unidade lexical pode ser usada, ao longo de um texto, tanto em sentido terminológico quanto em sentido comum, sendo muito tênues as fronteiras entre um uso e outro. No presente artigo, apresentaremos duas dessas unidades lexicais em língua espanhola que podem ser usadas como termo e como palavra – *yo* e *ello* – e

*O presente artigo é parte da minha pesquisa de Doutorado, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Graça Krieger. Tradução para o inglês do título, resumo e palavras-chave: Gilson Mattos (oficinatxt@gmail.com). Formatação: Carolina Santos Carboni (carol_literaria@yahoo.com.br).

**Professora Assistente de Língua Espanhola na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: anasalgado@ufcspa.edu.br.

seus respectivos equivalentes em português: id e ego ou eu e isso. Para o estudo das referidas unidades em contexto, foi realizada uma pesquisa baseada em corpus, pautada por referenciais teóricos da linguística de corpus, da vertente funcionalista de tradução e da TCT.

PALAVRAS-CHAVE: tradução espanhol-português; terminologia; linguística de corpus; psicanálise.

ABSTRACT: Psychoanalysis is a field in which articles on a wide variety of topics abound and in which general lexical items are used as terms, thus hindering both the recognition of terms and their translation. Moreover, the same lexical unit can be used throughout a text both with terminological and plain-language meanings, and the line between them is rather blurred. In the present paper, we analyze two lexical units in Spanish that can be used as terms and as words – *yo* and *ello* – and their respective equivalents in Portuguese: id and ego or eu and isso. A corpus-based study was carried out for the contextualized analysis of these two lexical units, using the theoretical background of corpus linguistics, the functionalistic approach to translation, and the Communicative Theory of Terminology.

KEYWORDS: Spanish-Portuguese translation; terminology; corpus linguistics; psychoanalysis.

1 Introdução: motivação do trabalho de pesquisa e a linguagem psicanalítica

O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de caráter qualitativo, que teve origem nas dificuldades observadas pela pesquisadora em seu trabalho como tradutora de textos de psicanálise, dentre os quais estavam artigos e outros tipos de materiais como, por exemplo, resenhas e entrevistas. Por ser uma área relacionada às Ciências da Saúde, é possível pressupor que a terminologia da psicanálise tem um padrão de regularidades constitutivas que não ofereceria maiores dificuldades de tradução. Entretanto, não é o que ocorre na prática.

A psicanálise é uma área cujo foco é o ser humano em toda a sua complexidade, compreendendo tanto teorias sobre o funcionamento do inconsciente quanto a prática clínica da psicanálise¹, e cuja produção de

¹Na definição do *Diccionario de Psicoanálisis* (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 316): “Disciplina fundada por Freud y en la que, con él, es posible distinguir tres niveles: a) Un método de investigación que consiste esencialmente en evidenciar la significación inconsciente de las palabras, actos, producciones imaginarias (sueños, fantasías, delirios) de un individuo. Este método se basa principalmente en las asociaciones libres del

termos passa por uma série de processos lexicais como a terminologização (p. ex., transferência), as derivações (p. ex. ego, superego, egoico), a criação de neologismos (p. ex. fantasmático), o uso enfático de prefixos (p. ex. re-significação, re-leitura, re-interpretação) e o uso de estrangeirismos (p. ex. *self*, *rêverie*). Segundo o psicanalista Marcelo Viñar (2008, p. 149), “Freud tomaba términos del lenguaje corriente, por ejemplo transferencia, y los trabajaba para reapropiárselos y adecuarlos a su contexto de trabajo y al desarrollo de sus ideas”².

Laplanche e Pontalis, na Introdução de seu *Diccionario de Psicoanálisis*, afirmam que:

La terminología técnica del psicoanálisis es, en su mayor parte, obra de Freud; y se fue enriqueciendo al mismo tiempo que sus descubrimientos y su pensamiento. A diferencia de lo sucedido en la historia de la psicopatología clásica, Freud tomó pocas palabras del latín y del griego; ciertamente, recurrió a la psicología, a la psicopatología y a la neurofisiología de su época; pero sus palabras y fórmulas las extrajo

sujeito, que garantizan la validez de la interpretación. La interpretación psicoanalítica puede extenderse también a producciones humanas para las que no se dispone de asociaciones libres. b) Un método psicoterápico basado en esta investigación y caracterizado por la interpretación controlada de la resistencia*, de la transferencia* y del deseo*. En este sentido se utiliza la palabra psicoanálisis como sinónimo de cura psicoanalítica: ejemplo: emprender un psicoanálisis (o un análisis). c) Un conjunto de teorías psicológicas y psicopatológicas en las que se sistematizan los datos aportados por el método psicoanalítico de investigación y de tratamiento”. [Tradução: “Disciplina fundada por Freud e na qual, através dela, é possível diferenciar três níveis: a) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar a significação inconsciente das palavras, dos atos, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um indivíduo. Este método se baseia principalmente nas associações livres do sujeito, que garantem a validade da interpretação. A interpretação psicoanalítica pode se estender também a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres. b) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e caracterizado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. Neste sentido, utiliza-se a palavra psicanálise como sinônimo de cura psicoanalítica: exemplo – realizar psicanálise (ou análise). c) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas nas quais se sistematizam os dados aportados pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento.”] (tradução nossa).

²“Freud tomava termos da linguagem corrente, por exemplo, transferência, e os trabalhava para reapropriar-se deles e adequá-los a seu contexto de trabalho e ao desenvolvimento de suas ideias.” (tradução nossa).

sobre todo del alemán, utilizando los recursos y facilidades que le proporcionaba su propia lengua. Es por ello que una traducción fiel resulta difícil y la terminología analítica produce entonces una impresión insólita, que la lengua de Freud no produce, al no haberse explotado al máximo los recursos que ofrece la lengua del traductor; en otros casos, es la sencillez de la expresión freudiana lo que hace olvidar su carácter técnico (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. X).³

Dessa forma, boa parte da terminologia psicanalítica foi criada em língua alemã, uma vez que Freud era austríaco, tendo por base o vocabulário e os recursos gramaticais e retóricos usuais daquele idioma. O francês e o inglês também são importantes fontes na busca de termos psicanalíticos, devido às obras de Jacques Lacan (REUILLARD, 2007) e à tradução da *Standard Edition* de Freud, coordenada por James Strachey. Uma fonte igualmente importante é a edição em espanhol das *Obras completas*, cuja coordenação da tradução ficou a cargo de José Luis Etcheverry.

Sobre a questão da tradução da terminologia da psicanálise, Souza (2010) afirma que

No Brasil, a leitura de alguns pensadores alemães tem se dado por via indireta, pela mediação de comentaristas e tradutores estrangeiros – em geral franceses, atualmente. É certo que nos últimos anos tem aumentado o contato direto com os textos originais, mas ainda vigoram as intermediações de Paris, Nova York, Buenos Aires etc. No caso da psicanálise, esse fenômeno se manifesta bem claramente na terminologia em voga. Ela resultou de leituras de versões estrangeiras de Freud, condicionadas pela época e pelo lugar (SOUZA, 2010, p. 11-12).

³“A terminologia técnica da psicanálise é, em sua maior parte, obra de Freud; e foi sendo enriquecida ao mesmo tempo que suas descobertas e seu pensamento. Diferentemente do que aconteceu na história da psicopatologia clássica, Freud tomou poucas palavras do latim e do grego; certamente, recorreu à psicologia, à psicopatologia e à neurofisiologia de sua época; mas suas palavras e fórmulas foram extraídas sobretudo do alemão, utilizando os recursos e as facilidades que sua própria língua lhe proporcionava. É por isso que uma tradução fiel se torna difícil e a terminologia analítica produz então uma impressão insólita, que a língua de Freud não produz, ao não terem sido explorados ao máximo os recursos que a língua do tradutor oferece; em outros casos, é a simplicidade da expressão freudiana o que faz esquecer seu caráter técnico.” (tradução nossa).

A partir de tais considerações, é importante lembrar que, no caso do par de idiomas de trabalho da pesquisadora, português x espanhol, é preciso observar também o fato de que as terminologias em uso foram traduzidas a partir do alemão, do francês e do inglês. Há, ademais, casos nos quais foi mantido o termo em língua estrangeira (p. ex. *borderline*, *déjà-vu*), ou casos nos quais em uma das línguas houve a opção pela tradução e, em outra, pelo uso de um equivalente em línguas clássicas – caso dos termos *ego* e *id* (latim), usado em português, que em espanhol são *Yo* e *Ello*, respectivamente.

A partir do exposto e da experiência da pesquisadora como tradutora de artigos de psicanálise, pode-se constatar que esta é uma área em que, muitas vezes, são encontradas “palavras” que, naquele contexto específico, têm um caráter terminológico, o que pode constituir uma dificuldade tanto para o reconhecimento terminológico quanto para a tradução. Um exemplo disso, que será posteriormente analisado no *corpus*, é o uso dos já mencionados termos/pronomes *Yo/Ello*: em um mesmo artigo, eles podem aparecer com função de termo ou com função de pronome, dependendo do contexto em que se encontram.

Além disso, a própria constituição da área, com diferentes correntes teóricas, faz com que termos cuja identificação e tradução sejam aparentemente “claras” e “óbvias” tenham interpretações conceituais e mesmo traduções diferentes segundo cada corrente teórica. Segundo Fulgencio (2007),

Na história e no desenvolvimento da psicanálise, a proliferação de grupos e subgrupos, com uma diversidade de léxicos e de interpretações para termos comuns, tem causado não só cisões e disparidades teórico-clínicas, como também uma dificuldade de comunicação e até mesmo uma obnubilação da definição e enquadre da psicanálise como uma disciplina específica do conhecimento, - a ponto de borrar as características definidoras do que deve ser incluído como pertencendo ao campo da psicanálise e o que deveria ser excluído dele (FULGENCIO, 2007, p. 98).

Ademais, é possível que o tradutor se depare com artigos de psicanálise que fazem uma análise psicanalítica de obras literárias, de artes visuais, de filmes, de eventos traumáticos históricos ou atuais... Enfim, as possibilidades são muitas. E as dificuldades também. Além da complexidade inerente à área, temos que acrescentar a escassez de material de consulta dirigido a tradutores, os prazos normalmente curtos e o fato de que o tradutor muito raramente tem o especialista da área à sua disposição para ajudar a resolver, dentro do prazo estabelecido, as dúvidas que surgem – o que torna o trabalho ainda mais difícil.

Assim sendo, consideramos que a necessidade de desenvolver estratégias de reconhecimento terminológico através do contexto é de fundamental importância no trabalho do tradutor, uma vez que algumas das especificidades de textos técnicos e científicos, independentemente da área à qual pertençam, podem constituir dificuldades de tradução. Ao não saber reconhecer um termo, o tradutor tem grande chance de fazer uma tradução equivocada, o que pode resultar em um texto incompreensível, sem sentido para a comunidade à qual se destina. Se pensarmos em campos de especialidade como cirurgia, engenharias ou aviação, uma tradução equivocada pode custar vidas.

Independentemente do tempo que tem para realizar a tarefa de tradução, é imprescindível que o tradutor saiba reconhecer e, na medida do possível, resolver os problemas terminológicos do texto, a fim de evitar tais equívocos. Para isso, é fundamental que ainda durante a formação profissional, tenha-se um olhar crítico para o texto, sempre chamando a atenção para que as questões terminológicas não passem despercebidas ou sejam tratadas como problemas “menores”. Tendo isso em vista, cabe destacar a importância de que haja um diálogo entre as aulas de terminologia – quando há disciplinas de terminologia, o que nem sempre acontece – e as disciplinas de tradução. Ou seja, o ideal seria conciliar, em sala de aula, os conhecimentos teóricos e práticos da terminologia e as aulas de tradução, a fim de sustentar a futura prática profissional.

2 Referencial teórico: vertente funcionalista da tradução, teoria comunicativa da terminologia e linguística de *corpus*

O referencial teórico que embasa este trabalho se utiliza dos estudos da vertente funcionalista da tradução (VERMEER, 1994; REISS; VERMEER, 1996), que postulam que a tradução é um processo e que o texto traduzido deve cumprir com uma função comunicativa para o público ao qual se destina. O ponto de vista da vertente funcionalista corrobora, ademais, a importância de o tradutor saber reconhecer e resolver problemas relacionados à terminologia, uma vez que esta constitui elemento fundamental das comunicações técnico-científicas. Serão utilizados também os estudos da Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ *et al.*, 1998, 2002) e da Linguística de *Corpus* (BIBER, 1993; BERBER SARDINHA, 2000; SINCLAIR, 2005; ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006).

Surgida na Alemanha, no final dos anos 1970, com Hans Vermeer, a corrente funcionalista tem como ponto central a teoria do escopo. Para o teórico, autor, texto, tradutor e tradução são vistos como processos, não como entidades estáveis e cristalizadas. Consequentemente, o texto é passível de leituras e interpretações distintas, sejam elas feitas por pessoas diferentes em um dado momento ou por uma mesma pessoa em momentos diferentes da vida (que também é um processo). Ou seja, para Vermeer o significado não está contido no texto, sendo dependente de ativação (recepção, leitura) por parte de alguém (leitor, tradutor). Segundo Vermeer (1994),

(1) El autor de un texto “es” un proceso. Su texto concluido se convierte en un textema. Si consideramos el mundo como proceso, un texto (textema) de partida representa un momento suspendido de este proceso. Al mismo tiempo, el textema forma parte del *continuum* de mundos posibles, en el que produce un determinado efecto. El textema “es” un proceso. (2) El traductor se puede definir, a su vez, como proceso. En una situación dada y desde su punto de vista, este traductor lee su texto a partir de su textema. La continua transformación procesual del punto de vista del traductor y del textema, con sus respectivas velocidades de desarrollo, hacen que, cuando ambos se reúnen, “el” textema se transforme constantemente a ojos del traductor. La recepción de un texto (textema) de partida se modifica sin cesar durante su desarrollo. Cada recepción está formada por un conjunto (nunca cerrado) de elementos individuales, que en un momento determinado han de unirse para dar lugar a una (supuesta) coherencia. Lo mismo puede decirse de cada producción y, por tanto, de cada traslación: se trata en cada caso de un proceso individual cuyo resultado (el texto traducido) se ha de suponer coherente también de modo individual (VERMEER, 1994, p. 13).⁴

⁴“(1) O autor do texto ‘é’ um processo. Seu texto concluído se transforma em um textema. Se consideramos o mundo como processo, um texto (textema) de partida representa um momento suspenso deste processo. Ao mesmo tempo, o textema faz parte do *continuum* de mundos possíveis, no qual produz um determinado efeito. O textema ‘é’ um processo. (2) O tradutor pode ser definido, por sua vez, como processo. Em uma situação dada e desde seu ponto de vista, este tradutor lê seu texto a partir de seu textema. A contínua transformação processual do ponto de vista do tradutor e do textema, com suas respectivas velocidades de desenvolvimento, fazem com que, quando ambos se reúnem, ‘o’ textema se transforme constantemente aos olhos do tradutor. A recepção de um texto (textema) de partida se modifica incessantemente durante seu desenvolvimento. Cada recepção é formada por um conjunto (nunca fechado) de elementos individuais, que em um momento determinado hão de unir-se

A teoria do escopo, posteriormente retomada por Reiss e Vermeer, em 1984, postula que a tradução, antes de tudo, deve cumprir uma função comunicativa na língua-alvo. Segundo os autores,

La producción de un texto es una acción que también se dirige a un objetivo: que el texto “funcione” lo mejor posible en la situación y en las condiciones previstas. Cuando alguien traduce o interpreta, produce un texto. También la traducción/interpretación ha de funcionar de forma óptima para la finalidad prevista. He aquí el principio fundamental de nuestra teoría de la translación. Lo que está en juego es la capacidad de funcionamiento del *translatum* (el resultado de la translación) en una determinada situación, no la transferencia lingüística con la mayor “fidelidad” posible a un texto de partida (tal vez incluso defectuoso), concebido siempre en otras condiciones, para otra situación y para otros “usuarios” distintos a los del texto final (REISS; VERMEER, 1996, p. 5).⁵

O público-alvo é central nessa teoria, uma vez que todas as decisões tomadas pelo tradutor durante o processo deverão levá-lo em conta. Como os possíveis públicos para uma tradução podem variar, isso torna possível a existência de diferentes traduções para um mesmo texto de partida, conforme o público a que se dirijam. As críticas a essa teoria baseiam-se na excessiva liberdade que ela dá ao tradutor de adaptar a obra à sua cultura (KILIAN, 2007, p. 93).

Ao adotar uma perspectiva funcionalista da tradução, assumem-se os seguintes postulados:

para dar lugar a uma (suposta) coerência. O mesmo pode ser dito de cada produção e, por tanto, de cada translação: trata-se, em cada caso, de um processo individual cujo resultado (o texto traduzido) deve-se supor coerente também de modo individual.” (tradução nossa).

⁵“A produção de um texto é uma ação que também se dirige a um objetivo: que o texto ‘funcione’ o melhor possível na situação e nas condições previstas. Quando alguém traduz ou interpreta, produz um texto. Também a tradução/interpretação deve funcionar de forma ótima para a finalidade prevista. Aqui está o princípio fundamental de nossa teoria da translação. O que está em jogo é a capacidade de funcionamento do *translatum* (o resultado da translação) em uma determinada situação, não a transferência linguística com a maior ‘fidelidade’ possível a um texto de partida (talvez até mesmo defeituoso), concebido sempre em outras condições, para outra situação e para outros ‘usuários’ diferentes daqueles do texto final.” (tradução nossa).

- a) o original deixa de ser considerado superior ao texto traduzido – ambos, texto de partida e texto de chegada, cumprem com determinadas funções comunicativas nas culturas onde foram produzidos e às quais se destinam;
- b) maior visibilidade e, conseqüentemente, maior responsabilidade do tradutor, que lê e interpreta o texto de partida para produzir um texto de chegada;
- c) a tradução não é pensada apenas em termos linguísticos, mas também culturais – tanto o texto de partida quanto o texto de chegada são produzidos dentro de sistemas culturais diferentes;
- d) não existe “A” tradução de determinado texto, ela é apenas uma das traduções possíveis.

Especificamente com relação à tradução técnico-científica, Garcia (1992) destaca que os principais problemas com os quais o tradutor se depara são as questões relacionadas ao vocabulário e aquelas relacionadas à estilística. Referente ao vocabulário, quanto mais alto o nível de especialização do texto, maior será sua densidade terminológica, exigindo do tradutor a capacidade de reconhecer termos e fraseologias na língua fonte e de usá-los com propriedade na língua alvo, de forma a produzir um texto que seja lido com naturalidade pela comunidade de especialistas à qual se destina. A fim de produzir um texto “natural” na língua alvo, o tradutor deve também ter conhecimento de questões estilísticas relacionadas ao gênero textual com o qual está trabalhando: uso de frases curtas ou longas, uso da forma impessoal (observou-se) ou de primeira pessoa do plural (observamos), uso correto de fraseologias (fazer febre em vez de ter febre, por exemplo), de forma a produzir um texto o mais próximo possível à literatura produzida pelos especialistas da área.

No que se refere à Terminologia, nos utilizamos dos estudos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (CABRÉ *et al.*, 1998, 2002). Segundo Cabré, a Teoria Geral da Terminologia (TGT) não considera as unidades terminológicas (UTs) em seus contextos de realização – a comunicação especializada –, pois não leva em consideração uma série de aspectos tais como a variação, a sintaxe, a semântica, a pragmática e as questões discursivas, dando importância apenas à normatização e à padronização, a fim de manter a precisão e a univocidade da comunicação profissional.

A autora afirma que “[...] la comunicación especializada no mantiene un estatus completamente aparte del que mantiene la comunicación general; y el conocimiento especializado no es ni uniforme ni está totalmente separado del conocimiento general en todas las situaciones de comunicación”⁶ (CABRÉ, 2002, *on-line*). Para a TCT, conforme explicado por Krieger e Finatto (2004), o texto especializado é considerado a base da comunicação especializada, e as unidades terminológicas fazem parte da língua natural, não constituindo uma língua à parte: elas não formam um léxico independente do léxico geral, sendo unidades léxicas que adquirem valor especializado conforme seu uso em um contexto e situação comunicativa específicos. De acordo com as autoras citadas, as perspectivas comunicativas e textuais da Terminologia

[...] postulam o exame do comportamento das unidades terminológicas em seu real contexto de ocorrência, compreendendo que estas unidades aparecem de maneira natural no discurso, não constituindo uma língua à parte, como inicialmente se julgava. Conseqüentemente, os termos sofrem os efeitos de todos os mecanismos sintagmáticos e pragmáticos das cadeias discursivas que dão suporte à comunicação especializada (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 106-107).

Além disso, a TCT postula que as unidades terminológicas são dinâmicas, sendo possível o uso de um termo em diferentes áreas do conhecimento (p. ex., célula e vírus, que são usados tanto nas biociências quanto na informática), bem como a mobilidade de palavras do léxico geral para o contexto especializado, a chamada terminologização (p. ex., abuso, que em contextos de medicina, psicologia e direito adquire valores especializados). Enquanto a TGT reconhece apenas a homonímia, a TCT aceita a polissemia; assim, o conceito de vírus para a informática, embora seja diferente do conceito de vírus para as biociências, traz em si traços deste último: é algo que invade o sistema e causa prejuízos à máquina.

Essa mudança de paradigma na Terminologia baseia-se nas mudanças ocorridas nas teorias linguísticas e na sociedade. Conforme Cabré *et al.* (1998),

⁶“A comunicação especializada não mantém um *status* completamente à parte do que mantém a comunicação geral; e o conhecimento especializado não é nem uniforme nem está totalmente separado do conhecimento geral em todas as situações de comunicação.” (tradução nossa).

No se trata solamente de la aparición de nuevos modelos teóricos, que los ha habido, sino de un interés por un enfoque más comunicativo desde los distintos modelos. El lenguaje visto como vehículo de comunicación y socialización, de organización del pensamiento, de transmisión de creencias y de identificación, ha dado lugar a orientaciones de la lingüística inicialmente conocidos de forma genérica como estilística, que engloban visiones como la etnografía de la comunicación, el análisis del discurso y la pragmática. [...] La terminología, vista como disciplina lingüística, no ha quedado al margen de estas nuevas concepciones, basadas esencialmente en la variación de usos y usuarios y en la diversidad de funciones y situaciones comunicativas, y han adquirido gran importancia todos aquellos aspectos que pueden favorecer una explicación más satisfactoria de la comunicación especializada (CABRÉ *et al.*, 1998, p. 35).⁷

No que se refere às mudanças na sociedade, a globalização trouxe um maior intercâmbio de conhecimentos e técnicas, com a consequente necessidade de traduzir/criar denominações (termos) em diferentes línguas para os novos produtos, processo e tecnologias circulantes. Os avanços tecnológicos ganharam velocidade e, hoje, o acesso à informação é quase ilimitado, sendo possível acessar uma grande variedade de conhecimentos de forma rápida e simples.

Dentro desse panorama, e considerando que as terminologias são um elemento constitutivo dos textos especializados, uma vez que são representativas de nódulos conceituais de diferentes áreas do conhecimento (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 86), justifica-se o interesse dos estudos da tradução na aquisição, pelo tradutor, da competência terminológica.

⁷“Não se trata apenas do surgimento de novos modelos teóricos, o que de fato ocorreu, mas de um interesse por um enfoque mais comunicativo desde os distintos modelos. A linguagem vista como veículo de comunicação e socialização, de organização do pensamento, de transmissão de crenças e de identificação, deu lugar a orientações da lingüística inicialmente conhecidas de forma genérica como estilística, que englobam visões como a etnografia da comunicação, a análise do discurso e a pragmática. [...] A terminologia, vista como disciplina lingüística, não ficou à margem destas novas concepções, baseadas essencialmente na variação de usos e usuários e na diversidade de funções e situações comunicativas, e adquiriram grande importância todos aqueles aspectos que podem favorecer uma explicação mais satisfatória da comunicação especializada.” (tradução nossa).

Outra justificativa é apontada por Gonçalves (2005), ao lembrar-nos que

O tradutor não utiliza necessariamente o enunciado como unidade básica de tradução. [...] Muitas vezes o tradutor debruçar-se-á sobre unidades menores, muitas delas relativas a aspectos de codificação linguística, ou às vezes maiores, como segmentos macrotextuais do texto-fonte e do texto-alvo, como as macroproposições, por exemplo (GONÇALVES, 2005, p. 65).

Complementando essa ideia, de acordo com Marquant (2003, p. 44), “[...] la terminología interviene como herramienta pedagógica tanto en la comprensión del texto/producto original como en la traducción propiamente dicha”⁸. Ou seja, para os tradutores profissionais, saber reconhecer as UTs e compreendê-las, bem como saber fazer as escolhas terminológicas adequadas em suas línguas de trabalho são elementos que contribuem para que este produza um texto de chegada que seja capaz de cumprir com sua função comunicativa dentro de uma determinada comunidade de falantes. Isso porque

[...] a utilização adequada da terminologia é decisiva para o alcance da precisão semântico-conceitual que toda tradução de texto especializado obrigatoriamente requer. Conseqüentemente, a seleção adequada de equivalentes terminológicos confere ao texto traduzido grande parte das características expressivas utilizadas pelos profissionais do mesmo campo de atuação (KRIEGER, 2003, p. 51).

É importante lembrar, aqui, que embora terminologia e tradução tenham entre si muitos pontos de convergência, constituem áreas independentes com objetos e teorias próprias. O conhecimento de terminologia contribui para a tradução, tanto quanto processo quanto como produto, no sentido de oferecer ao tradutor instrumentos que o tornam capaz de ler um texto técnico em língua estrangeira, de uma área de especialidade que geralmente não é a sua, e de compreendê-lo o suficiente para poder reescrevê-lo em sua língua, usando recursos estilísticos semelhantes àqueles usados pelos especialistas da área. Por outro lado, a tradução também

⁸“A terminologia intervém como ferramenta pedagógica tanto na compreensão do texto/produto original como na tradução propriamente dita.” (tradução nossa).

contribui para a terminologia, tanto como área de estudo quanto com os produtos terminográficos, justamente pela necessidade que os tradutores têm de obras de referência confiáveis, que sejam pelo menos bilíngues e tragam informações gramaticais, contextos de ocorrência, variantes, sinônimos, informações históricas, e que além de tudo isso, estejam devidamente atualizadas. Embora a maioria dos produtos terminográficos não atenda a tantas exigências dos tradutores, é inegável que essas necessidades vêm cada vez mais servindo como guia para a elaboração de glossários.

Dentro desse panorama de interface e complementação entre os estudos de tradução e os de terminologia, a metodologia da linguística de *corpus* trouxe grandes contribuições ao permitir a pesquisa terminológica em seus contextos reais de ocorrência, quais sejam, os textos especializados em seus idiomas de produção.

De acordo com Berber Sardinha (2000),

A Linguística de *Corpus* ocupa-se da coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados lingüísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador (BERBER SARDINHA, 2000, p. 325).

Cabe destacar, porém, que os *corpora* lingüísticos são anteriores ao uso do computador: podemos citar como exemplos os *corpora* de citações bíblicas da Idade Média, o *corpus* usado por Thorndike para a língua inglesa em 1921 e o *Survey English Usage*, de 1953, entre outros. O desenvolvimento de análises a partir desses *corpora* não informatizados demandava muito tempo e muita mão de obra. Com o advento da informática e dos *corpora* eletrônicos, tornou-se possível a coleta, o armazenamento e a recuperação de quantidades maiores de dados.

Quanto aos tipos, os *corpora* podem ser classificados conforme os seguintes critérios (BERBER SARDINHA, 2000, p. 340-341):

- a) Modo: falado ou escrito;
- b) Tempo: sincrônico, diacrônico, contemporâneo, histórico;
- c) Seleção: de amostragem, monitor, dinâmico ou orgânico, estático, equilibrado;
- d) Conteúdo: especializado, regional ou dialetal, multilíngue;
- e) Autoria: de aprendiz, de língua nativa;

- f) Disposição interna: paralelo, alinhado;
- g) Finalidade: de estudo, de referência, de treinamento ou teste.

No que se refere à extensão, pensando estritamente em relação ao número de palavras de um *corpus*, aqueles com menos de 80.000 palavras podem ser considerados pequenos; de 80 a 250 mil palavras, pequenos-médios; de 250 mil a 1 milhão de palavras, médios; de 1 milhão a 10 milhões de palavras, médios-grandes e mais de 10 milhões de palavras, grandes.

Tendo em vista tais critérios, classificamos os *corpora* utilizado no presente artigo como:

- a) escritos;
- b) sincrônicos, contemporâneos;
- c) especializados;
- d) de língua nativa;
- e) paralelos;
- f) de estudo;
- g) extensão pequena-média.

Tendo isso em vista, passamos à descrição da etapa metodológica do trabalho: a compilação dos *corpora* com textos especializados da área de psicanálise. O *corpus* de língua espanhola é formado por textos coletados na página da *Revista Uruguaya de Psicoanálisis* (RUP)⁹ na internet; o de língua portuguesa, na página da *Revista Ágora*¹⁰. A busca de contextos nos *corpora* foi feita utilizando a ferramenta AntConc¹¹.

3 Metodologia: compilação dos corpora

De acordo com Aluísio e Almeida (2006, p. 159-160), a compilação de um *corpus* possui três etapas principais, quais sejam:

⁹Disponível em: <http://www.apuruguay.org/revista_rup>.

¹⁰Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1516-1498&lng=pt&nrm=iso>.

¹¹Para mais informações sobre o AntConc, acessar: <<http://www.laurenceanthony.net/>>.

1) o projeto do *corpus*, que inclui a seleção dos textos e os cuidados com os requisitos que foram discutidos na seção anterior [autenticidade, representatividade, balanceamento, diversidade]¹²; 2) compilação (ou captura), manipulação, nomeação dos arquivos de texto e pedidos de permissão de uso e 3) anotação.

Na página da RUP, estão disponíveis revistas dos anos de 1997 a 2013. Para o presente estudo, foram escolhidos 10 números da RUP. A cada número da revista, é tratado um assunto específico, e os artigos da seção “Temática” se desenvolvem em torno desse tema central. Inicialmente, foram selecionados apenas os textos publicados na seção “Temática”. Entretanto, após analisar os textos publicados em outras seções, e levando em consideração o critério de balanceamento proposto por Sinclair (2005) e a observação de Aluísio e Almeida (2006, p. 173), pareceu interessante incluir materiais publicados em outras seções da RUP, em função da variedade de estilos – o que pode trazer uma maior riqueza para a pesquisa dos termos em contexto. Dessa forma, foram descartados apenas os textos publicados nas seções “Conversación en la Revista”, “*In Memoriam*”, “*Reseñas de Libros*” e “Humor”. Assim, chegamos a um total de 94 textos (340.000 *token*, 26.000 *type*, aproximadamente).

Na página da *Revista Ágora*, estão disponíveis revistas dos anos de 2000 a 2013, sendo que cada volume conta com dois números e, nos anos de 2012 e 2013, com um número especial. Para o presente estudo, da mesma forma que com a RUP, foram selecionados 10 números da *Revista Ágora*. Diferentemente da RUP, a *Revista Ágora* não é organizada por números temáticos, e seus artigos versam sobre temas variados relativos à teoria e à prática psicanalíticas. Os textos das seções “Dissertações e Teses” e “Traduções” não foram coletados. Assim, chegamos a 89 textos, que perfizeram um total de aproximadamente 370.000 *token* (24.000 *type*).

Cabe destacar aqui que o presente trabalho não teve por objetivo a elaboração de um glossário de psicanálise espanhol/português, mas sim o estudo das ocorrências de termos em contexto, a fim de verificar padrões de uso; portanto, não foi feito o levantamento de candidatos a termo a partir dos *corpora*. Os termos cujos contextos de ocorrência foram pesquisados nos *corpora* – *yo, ello; ego, id; eu, isso* – foram selecionados a partir do tesouro da Asociación Psicoanalítica de Argentina (APA) e de dicionários especializados (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004). Tendo em vista que os

¹²Inserção nossa, conforme critérios expostos por Aluísio e Almeida (2006, p. 158-159).

termos selecionados são pronomes, não foi utilizada uma *stoplist*, pois seu uso poderia interferir negativamente nos resultados.

4 Análise dos termos em contexto

4.1 Ello / Id / Isso

Ello é definido em psicanálise como

Una de las tres instancias distinguidas por Freud en su segunda teoría del aparato psíquico. El ello constituye el polo pulsional de la personalidad; sus contenidos, expresión psíquica de las pulsiones, son inconscientes, en parte hereditarios e innatos, en parte reprimidos y adquiridos. Desde el punto de vista económico, el ello es para Freud el reservorio primario de la energía psíquica; desde el punto de vista dinámico, entra en conflicto con el yo y el superyó que, desde el punto de vista genético, constituyen diferenciaciones de aquél (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 112).¹³

No sentido não terminológico, *ello* é o pronome neutro de terceira pessoa do singular na língua espanhola que, entre outras funções, pode assumir as de articulador discursivo.

Em português, temos dois possíveis equivalentes para esta unidade são *id* (uso terminológico) e *isso* (usos terminológico e não terminológico).

A pesquisa de contextos para o termo *ello* retornou 181 linhas de concordância. A fim de verificar que outros elementos lexicais aparecem junto ao termo *ello*, utilizamos a pesquisa de *clusters* e a de colocados. A busca por colocados permite ao pesquisador verificar palavras que ocorrem à direita ou à esquerda de um termo selecionado. Diferentemente da busca por *clusters*, esta ferramenta permite a busca e a identificação de padrões não sequenciais (por exemplo: *fragmentos * * ello*, ou *ello * * superyó*), podendo “*” representar outros elementos gramaticais ou lexicais.

¹³“Uma das três instâncias diferenciadas por Freud em sua segunda teoria do aparelho psíquico. O id constitui o polo pulsional da personalidade; seus conteúdos, sua expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, em parte hereditários e inatos, em parte reprimidos e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é para Freud o reservatório primário da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e com o superego que, do ponto de vista genético, constituem diferenciações daquele.” (tradução nossa).

Para a pesquisa de colocados, que retornou 116 resultados, foi selecionado um tamanho de um elemento à direita e um elemento à esquerda. Dadas as restrições de tempo e espaço, optamos por filtrar novamente a pesquisa de colocados, utilizando como frequência mínima três ocorrências, o que reduziu a lista para 20 resultados.

QUADRO 1 - LISTA DE COLOCADOS PARA *ELLO*

Co-ocorrente	E	Ello	D	Total
el	21	*	13	34
de	23	*	5	28
y	7	*	17	24
por	21	*	2	23
para	17	*	1	18
del	15	*	2	17
con	16	*	1	17
todo	10	*	1	11
se	0	*	11	11
en	2	*	9	11
que	6	*	4	10
no	0	*	8	8
es	0	*	8	8
la	0	*	6	6
al	5	*	1	6
a	6	*	0	6
pero	3	*	2	5
implica	0	*	5	5
yo	3	*	0	3
donde	1	*	2	3

Fonte: elaboração própria.

Observamos, em primeiro lugar, 34 ocorrências de *el + ello*, sendo 21 “*el ello*” e 13 “*ello el*”. Ao buscar o colocado “*el ello*” nas linhas de concordância, temos alguns resultados que demonstram que, nesse caso, a palavra está sendo usada em sentido terminológico, tendo em vista o fato de estar substantivado (*ello* é um pronome), e também pela relação com outros

co-ocorrentes, tais como *yo, superyó, alienación, narcisismo*:

QUADRO 2 - LINHAS DE CONCORDÂNCIA PARA *EL ELLO*

al acto. Lo que Lacan denominó alienación en <i>el ello</i> , sería no disponer de tiempo ni de cadenas
como eslabón previo para evitar vernos con <i>el ello</i> directamente. El avance que podríamos ofrecer
yo con todo el aparato del narcisismo que incluye <i>el ello</i> y el superyó (estos dos primeros puntos se
y refina la teoría del yo en sus relaciones con <i>el ello</i> y el superyó, testimoniando inexorablemente los
da cuenta de los efectos de la culturalización. <i>El ello</i> , el yo y el superyó son productos teórico-clínico
altura que el yo tiene íntima vinculación con <i>el Ello</i> y por ende con las pulsiones y tiene esas otras

Fonte: elaboração própria.

Por outro lado, ao buscar por concordâncias para “*ello el*”, encontramos ocorrências não terminológicas, notadamente articuladores textuais de causalidade (*para ello el, y con ello el, y por ello el*):

QUADRO 3 - LINHAS DE CONCORDÂNCIA PARA *ELLO EL*

un símbolo sin capacidad transformadora. Para <i>ello el</i> enunciado es despojado de dimensiones, las reglas
crear otra etapa ya del trabajo psíquico. Para <i>ello el</i> analista debe haber sido capaz de entregarse a un
las formas y las configuraciones ideales y con <i>ello el</i> universo de los discursos. Y aunque en los poetas
que impulsan la relación libidinal y con <i>ello el</i> desarrollo de la libido. Dando preeminencia a la
deseo el que provoca angustia, la promueve, y por <i>ello el</i> psicoanálisis es un continuo provocador de

Fonte: elaboração própria.

As buscas por concordâncias com *de, por, para, con, todo, se, en, que, no, es, la, a, pero, implica e donde*, tanto à esquerda quanto à direita de *ello*, resultaram em ocorrências predominantemente não terminológicas, como é possível ver nos exemplos a seguir:

QUADRO 4 - LINHAS DE CONCORDÂNCIA PARA *ELLO* – NÃO TERMO

es que fue ineficaz. Las ciencias son un ejemplo <i>de ello</i> . La ineficacia puede estar en el tipo de trabajo
de eternidad de hecho, con un tiempo que no <i>por ello</i> deja de saturarla sin piedad, pero que parece
las reglas elementales del parentesco y <i>con ello</i> desmoronan el orden simbólico que sostiene
acerca al concepto de contratransferencia. Por <i>todo ello</i> , cuando se presenta la intersubjetividad como una
en el círculo de la ley y el dominio. Pero en <i>todo ello</i> se manifiesta un camino hacia la sexualidad como
objeto que será un medio de alivio a esa tensión. <i>Todo ello</i> en un recorrido presidido por el principio del

Fonte: elaboração própria.

Por outro lado, as buscas por concordâncias com *y, del, al e yo*, à esquerda e à direita de *ello* trouxeram alguns resultados de caráter terminológico:

QUADRO 5 - LINHAS DE CONCORDÂNCIA PARA *ELLO* - TERMO

a la dimensión yoica, el determinismo del <i>ello y</i> del superyó. Para Lacan, la transferencia es el
las producciones, Freud introdujo el concepto de <i>Ello y</i> profundizó así la radicalidad de la carencia
determinante. Pero lo real no se limita <i>al ello</i> . En la serie clínica: psicossomática, algunas
narcisísticos, así como se había ofrecido el yo <i>al ello</i> en el nuevo acto psíquico fundante del narcisismo
lo acosa como si fuera responsable de los deseos <i>del Ello</i> . Por mediación de la reacción terapéutica
prohibido. Decir que el superyó es el abogado <i>del Ello</i> es decir que defiende los destinos libidinales y,
hace eternas las investiduras libidinales <i>del ello</i> , entonces debe nutrirse de lo libidinal. Detrás

Fonte: elaboração própria.

Observando os exemplos tirados do *corpus*, é possível fazer algumas inferências a respeito de ocorrências terminológicas e não terminológicas de *ello*. Tais ocorrências irão determinar diferenças fundamentais na escolha lexical no momento da tradução:

- a) Não termo: acompanhado por preposição (*de, con, por, para...*), com função de articulador causal ou explicativo (*por ello, para ello, con ello, a pesar de ello*);
- b) Termo: acompanhado por artigo ou preposição + artigo (*el ello, del ello, al ello*); relacionado proximamente a termos como *yo* e *superyó*; às vezes, grafado com inicial maiúscula.

Um dos seus equivalentes terminológicos em português, *id*, teve apenas seis ocorrências, e a pesquisa por colocados e *clusters* trouxe resultados irrelevantes – apenas associação a artigos ou preposições. As concordâncias para o equivalente *isso*, por sua vez, trouxeram muitos resultados não terminológicos. Nos quadros a seguir, apresentaremos alguns exemplos.

QUADRO 6 - EXEMPLOS DE CONCORDÂNCIA DOS USOS DE *ID*

[...], quando Freud já tem disponível o conceito <i>de id</i> : [...]. Lembramos que, desde as formulações sobre
do funcionamento do caos pulsional presente <i>no id</i> , que realiza incessantemente uma pressão de
prevalece a necessidade de ligação, como o de <i>um id</i> em processo de diferenciação, quando não podemos
quando não podemos distinguir o que seria <i>o id</i> e o que seria o corpo. O trabalho que o trauma de

Fonte: elaboração própria.

QUADRO 7 - EXEMPLOS DE CONCORDÂNCIA DOS USOS TERMINOLÓGICOS DE *ISSO*

habitado por forças ainda mais poderosas, <i>o Isso</i> [Es] [...] e as fontes filogenéticas que se
leva ao recalque; c) sua sede não está mais <i>no Isso</i> , mas no Eu; e d) em última instância, toda
de sua segunda tópica. Estas estão associadas <i>ao isso</i> , representadas pela compulsão à repetição e pela
à elaboração das resistências associadas <i>ao isso</i> e ao supereu, alvo primordial da clínica

Fonte: elaboração própria.

QUADRO 8 - EXEMPLOS DE CONCORDÂNCIA DOS USOS NÃO TERMINOLÓGICOS DE *ISSO*

e sentidos à qual o neurótico se prende para, <i>com isso</i> , defrontá-lo com o sem-sentido da vida. Seria
da ausência), mas causa de desejo, sendo <i>por isso</i> mesmo estruturante da linguagem. A linguagem
impossível para que possa existir, e não é só <i>isso</i> : esse ponto cego é causa mesmo do sujeito e
sai o «Não!». O destino da horda está traçado: <i>isso</i> deve acabar. O incesto deve ser interdito, não

Fonte: elaboração própria.

De forma semelhante ao que acontece em espanhol, as ocorrências terminológicas de *isso* em português são marcadas pela substantivação e pela associação a outros termos como *eu*, *supereu*, *recalque*, *compulsão* e *elaboração de resistências*, por exemplo. O uso de inicial maiúscula também aparece, e ainda que não seja um padrão fixo, pode ser um bom indicador de uso terminológico. Nas ocorrências não terminológicas, *isso* está na função de pronome indefinido ou de articulador causal.

4.2 Yo / Ego / Eu

O outro termo pesquisado foi *yo*, e seus respectivos equivalentes em português, *ego* e *eu*. A definição para *yo* no *Dicionário de Psicanálise* é a seguinte:

Instancia que Freud distingue del ello y del superyó en su segunda teoría del aparato psíquico. Desde el punto de vista tópico, el yo se encuentra en una relación de dependencia, tanto respecto a las reivindicaciones del ello como a los imperativos del superyó y a las exigencias de la realidad. Aunque se presenta como mediador, encargado de los intereses de la totalidad de la persona, su autonomía es puramente relativa. Desde el punto de vista dinámico, el yo representa eminentemente, en el conflicto neurótico, el polo defensivo de la personalidad; pone en marcha una serie de mecanismos de defensa, motivados por la percepción de un afecto displacentero (señal de angustia). Desde el punto de vista económico, el yo aparece como un factor de ligazón de los procesos psíquicos; pero, en las operaciones defensivas, las tentativas de ligar la energía pulsional se contaminan de los caracteres que definen el proceso primario: adquieren un matiz compulsivo, repetitivo, arreal. La teoría

psicoanalítica intenta explicar la génesis del yo dentro de dos registros relativamente heterogéneos, ya sea considerándolo como un aparato adaptativo diferenciado a partir del ello en virtud del contacto con la realidad exterior, ya sea definiéndolo como el resultado de identificaciones que conducen a la formación, dentro de la persona, de un objeto de amor catectizado por el ello. En relación con la primera teoría del aparato psíquico, el yo es más extenso que el sistema preconsciente-consciente, dado que sus operaciones defensivas son en gran parte inconscientes.

Desde un punto de vista histórico, el concepto tópico del yo es el resultado de una noción que se halla constantemente presente en Freud desde los orígenes de su pensamiento (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 457).¹⁴

Da mesma forma que para os termos anteriormente analisados, foi realizada uma busca por *clusters* e por colocados, com um elemento à esquerda e um à direita e mínimo de três ocorrências. Com tais critérios, a busca retornou 52 colocados, distribuídos conforme demonstra o quadro a seguir:

¹⁴“Instancia que Freud diferencia do id e do superego em sua segunda teoria do aparelho psíquico. Do ponto de vista tópico, o ego se encontra em uma relação de dependência, tanto no que se refere às reivindicações do id como quanto aos imperativos do superego e às exigências da realidade. Ainda que se apresente como mediador, encarregado dos interesses da totalidade da pessoa, sua autonomia é puramente relativa. Do ponto de vista dinâmico, o ego representa eminentemente, no conflito neurótico, o polo defensivo da personalidade; ativa uma série de mecanismos de defesa, motivados pela percepção de um afeto desprazeroso (sinal de angústia). Do ponto de vista econômico, o ego aparece como um fator de ligação dos processos psíquicos; mas, nas operações defensivas, as tentativas de ligar a energia pulsional se contaminam com os caracteres que definem o processo primário: adquirem um matiz compulsivo, repetitivo, arreal. A teoria psicanalítica tenta explicar a gênese do ego dentro dos registros relativamente heterogêneos, seja considerando-o como um aparelho adaptativo diferenciado a partir do id em virtude do contato com a realidade exterior, seja definindo-o como resultado de identificações que conduzem à formação, dentro da pessoa, de um objeto de amor investido pelo id. Com relação à primeira teoria do aparelho psíquico, o ego é mais extenso que o sistema pré-consciente-consciente, dado que suas operações defensivas são em grande parte inconscientes. Do ponto de vista histórico, o conceito tópico do ego é o resultado de uma noção que se encontra constantemente presente em Freud desde as origens de seu pensamento.” (tradução nossa).

QUADRO 9 - COLOCADOS PARA YO

(continua)

Co-ocorrente	E	Yo	D	Total
el	171	*	16	187
del	167	*	15	182
y	19	*	78	97
que	32	*	29	61
al	45	*	6	51
no	11	*	26	37
un	24	*	8	32
como	8	*	16	24
de	4	*	16	20
es	0	*	16	16
en	0	*	16	16
se	0	*	15	15
ideal	1	*	12	13
para	0	*	12	12
lo	0	*	12	12
le	0	*	11	11
creo	3	*	7	10
con	0	*	10	10
su	5	*	4	9
me	0	*	9	9
entre	6	*	3	9
pienso	1	*	7	8
a	0	*	8	8
soy	2	*	5	7
diría	1	*	6	7
por	0	*	6	6
la	0	*	6	6
incipiente	2	*	4	6
está	0	*	6	6
cuando	6	*	0	6
otro	3	*	2	5

(conclusão)

Co-ocorrente	E	Yo	D	Total
o	1	*	4	5
echo	2	*	3	5
objeto	0	*	4	4
moi	0	*	4	4
era	1	*	3	4
donde	0	*	4	4
desde	0	*	4	4
ya	0	*	3	3
tiene	0	*	3	3
tenía	0	*	3	3
si	1	*	2	3
queda	0	*	3	3
porque	1	*	2	3
pero	2	*	1	3
mientras	1	*	2	3
lanzo	0	*	3	3
junto	0	*	3	3
hubiera	1	*	2	3
ello	0	*	3	3
dice	1	*	2	3
debía	0	*	3	3

Fonte: elaboração própria.

As linhas de concordância para *yo* com o artigo *el* ou com as preposições apocopadas *del* e *al* tanto à esquerda quanto à direita da unidade lexical pesquisada apresentaram vários resultados terminológicos, como é possível ver no quadro a seguir:

QUADRO 10 - LINHAS DE CONCORDÂNCIA PARA *YO*

(continua)

por la imposibilidad de discriminar entre *el yo* y el mundo, entre lo percibido y lo fantaseado.

a la vez una modalidad de *yo*, no es “el mismo” *yo el* que enfrenta a un objeto que el que enfrenta a un

(conclusão)

está el que sea el que objete por ser <i>el no-yo del</i> sujeto, el ser lo arrojado delante del sujeto y a entender lo destructivo: la incorporación <i>en el yo del</i> objeto fallante en el caso de la melancolía, las
de tomar en cuenta las necesidades narcisistas <i>del Yo</i> . Es decir, que el otro-adulto amortigüe la
excesiva, exorbitante y extrema, desbordando <i>al yo</i> infantil. El resto del acontecimiento es acogido
la vida humana desde que la relación involucra <i>al yo</i> y al objeto y es en la relación que <i>el yo</i> se
de renunciar a lo que una vez fue, al ideal, <i>al Yo</i> ideal. Se desmiente la imposibilidad de tener

Fonte: elaboração própria.

Por sua vez, as concordâncias com verbos, tanto à direita quanto à esquerda de *yo* apresentaram resultados não terminológicos em sua quase totalidade:

QUADRO 11 - LINHAS DE CONCORDÂNCIA DE *YO* + VERBO

¿Forma de pedido para que alguien los ligue? <i>Yo creo</i> que aquí podemos decir que no está adecuadamente
siempre indirectos, y casi nunca observables, <i>creo yo</i> . El modo de acceso a ellos es, según lo entiendo,
expresar su contrariedad, su irritación y que <i>yo debía</i> tolerarlo. Mi impresión es que en ese momento
la inscripción que el adulto imprime en el niño. <i>Yo pienso</i> que el ámbito de estos procesos de por la dificultad del tema, sino también, <i>pienso yo</i> , porque el modelo de geometría proyectiva que
la causa de este odio, sentirse odiable, “ <i>yo soy</i> el mal”, “ <i>yo soy</i> lo malo”, donde todo el centro
que el “a quién” le pasa o el “quién” que hace, <i>soy yo</i> , me pasa a mí; la conciencia está por el lado de
que el yo espera. El otro desvanece así lo que <i>el yo tenía</i> por seguro acerca de sí: el otro le revela que

Fonte: elaboração própria.

A partir dos exemplos dos Quadros 10 e 11, podemos inferir que, ao aparecer acompanhado de artigo ou de preposição + artigo, temos

ocorrências terminológicas para *yo*. Aqui, assim como demonstrado em *ello*, há um processo de substantivação. Por outro lado, quando *yo* aparece conjugando verbo, normalmente teremos ocorrências não terminológicas, ou seja, na função de pronome. Uma exceção é mostrada no exemplo “*El otro desvanece así lo que el yo tenía por seguro acerca de sí: el otro le revela que [...]*”, em que *el yo* (substantivado, portanto provavelmente terminológico) aparece conjugando o verbo *tener*. Dessa forma, é importante ficar atento para a existência de artigo ou de preposição + artigo junto a um *yo* que conjuga verbo e também ao tempo verbal (primeira ou terceira pessoa), uma vez que o uso substantivado (terminológico) exige verbo flexionado em terceira pessoa.

A busca por linhas de concordância de *yo* com *mientras* e *como*, tanto à direita quanto à esquerda, apresentaram resultados que tanto podem ser terminológicos quanto não terminológicos:

QUADRO 12 - LINHAS DE CONCORDÂNCIA PARA *YO* + PREPOSIÇÃO

las percepciones, la sensorialidad. Cuando <i>yo como psicoanalista</i> comienzo a sintonizar con el estado
momentos de ese proceso, proceso que tiene <i>al yo como</i> centro, y entonces tanto objeto como otro hablan
el infante el primer sentimiento de que “ <i>tú eres como yo</i> ”. En palabras de Meltzoff, este es el origen de
las completudes que asaltan desde siempre <i>como yo ideal</i> que no alcanza a ser desalojado por el
a su hijo en situaciones de intensa angustia. <i>Mientras yo era</i> la depositaria de una transferencia masiva

Fonte: elaboração própria.

Nas ocorrências terminológicas, temos, mais uma vez, o uso substantivado de *yo* (*al yo, del yo, yo ideal*); o uso pronominal, não terminológico, pode ser determinado pela conjugação verbal na primeira pessoa (*yo como psicoanalista comienzo; mientras yo era*) e na relação de oposição ao outro, representado pelo pronome *tú* (*tú eres como yo*).

Ao realizar buscas por combinatórias de *yo* com unidades lexicais que poderiam ter função adjetiva (*incipiente, ideal, objeto, moi*) à esquerda e à direita, com ou sem elementos lexicais interpostos, as linhas de concordância apresentaram resultados majoritariamente terminológicos:

QUADRO 13 - LINHAS DE CONCORDÂNCIA PARA YO + ELEMENTO
COM FUNÇÃO ADJETIVA

reducir el tema a dos términos, madre e hijo, <i>yo y objeto</i> . Esta concepción si es extremadamente simplista
Lacan no coinciden con la concepción de sujeto, <i>objeto y yo</i> de la teoría freudiana. El doctrinal lacaniano
Pensamos así que cuando la experiencia del <i>yo incipiente</i> se da con el “objeto hostil” es el aspecto
se construye en su doble faz de <i>ideal del yo y yo ideal</i> que complejiza definitivamente la estructuración
las fallas que se producen en este tránsito del <i>Yo ideal al Ideal del yo?</i> ; ¿qué consecuencias tiene en la
y regeneración de capas es como se desenvuelve el <i>yo como moi</i> . Quizás se asemeja a la piel aunque no nos
omnipotente, irrealizable, la busca el <i>yo (moi)</i> alineado con el Ideal, aspirando al alcanzarlo

Fonte: elaboração própria.

Entre *yo e objeto*, encontramos uma relação que parece ser de complementaridade (*yo y objeto; objeto y yo*), algumas vezes também associada a *sujeto (sujeto, objeto y yo)*. Na combinatória com *ideal*, temos *yo ideal*, que apareceu em uma relação de oposição a *ideal del yo*. A palavra francesa *moi*, por sua vez, aparece como que especificando o sentido de *yo* e, ao expandir o contexto, foi possível ver que essa delimitação de sentido ocorria dentro de uma perspectiva teórica lacaniana.

Antes de passar à análise dos equivalentes de tradução em contexto, vamos retomar algumas das características dos usos terminológicos e não terminológicos das unidades lexicais selecionadas:

- a) Usos terminológicos: substantivação (*el ello, el yo, el otro*), uso combinado com adjetivo ou com outro substantivo, formando termos compostos, com ou sem preposição ou conjunção entre os elementos (*objeto común, objeto sexual, objeto psicoanalítico*), uso de inicial maiúscula (*Otro, Yo*), relação com palavras como *concepto, noción, definición*.
- b) Usos não terminológicos: com preposições, formando articuladores discursivos (*por ello, para ello*), uso pronominal, marcado por verbo conjugado na primeira pessoa (*yo como psicoanalista comienzo*).

O termo *ego* apresentou 19 colocados, reproduzidos no quadro a seguir:

QUADRO 14 - COLOCADOS PARA *EGO*

Co-ocorrente	E	Ego	D	Total
do	58	*	3	61
o	47	*	4	51
ideal	0	*	14	14
ao	12	*	1	13
pelo	10	*	0	10
é	0	*	9	9
a	0	*	9	9
e	0	*	8	8
de	5	*	3	8
no	7	*	0	7
se	0	*	6	6
um	2	*	3	5
não	1	*	4	5
em	0	*	5	5
seu	4	*	0	4
que	0	*	4	4
uma	1	*	2	3
por	0	*	3	3
da	0	*	3	3

Fonte: elaboração própria.

Como é possível observar no quadro anterior, a pesquisa de colocados com critérios de um elemento à esquerda e um à direita, com um mínimo de três ocorrências não apresentou resultados relevantes. Assim, resolvemos refazer a busca, utilizando como mínimo uma ocorrência. Essa nova busca resultou em 83 colocados, que tampouco trouxeram resultados interessantes. Fizemos, então, uma busca por *clusters* com quatro elementos e mínimo de duas ocorrências, que nos trouxe resultados bastante interessantes.

Uma delas foram os termos compostos *ego ideal*, *psicologia do ego*, *ideal do ego* e *ego da criança*, além de uma possível fraseologia especializada ([*afeto*

penoso] sentido pelo ego), que podem ser vistos nas linhas de concordância a seguir:

QUADRO 15 - LINHAS DE CONCORDÂNCIA PARA *EGO*

do ego, quando têm como modelo as ambições narcísicas do <i>Ego ideal</i> , dão origem às idealizações, e, no registro dessa
o seu tratamento nos simples parâmetros da “ <i>psicologia do ego</i> ”; falta ao psicanalista americano uma leitura
para fora da consciência. O afeto penoso <i>sentido pelo ego</i> impõe e desencadeia o recalçamento, que provoca o
o caso de psicose infantil), Klein acredita que o <i>ego da criança</i> , constitucionalmente muito fraco, lançou mão das
entre o Idealich (<i>Ego ideal</i>) e o Ichideal (<i>Ideal do ego</i>). O Idealich (<i>Ego ideal</i>) é uma instância
os, dominam as ilusões narcísicas do <i>Ego ideal</i> , o <i>Ideal do ego</i> põe em movimento outros dispositivos, dentre os

Fonte: elaboração própria.

Entendemos que [*afeto penoso] sentido pelo ego* possa ser uma fraseologia especializada (BEVILACQUA, 2004; BEVILACQUA; SALGADO; SILVEIRA, 2006), uma vez que envolve dois termos cuja relação é estabelecida por um verbo, sendo um destes termos fixo e o outro, variável. No caso, a fraseologia seria formada por *ego* (termo fixo) + *sentir* (V) + *afeto penoso* (termo variável).

Os termos compostos *ego ideal* e *ideal do ego* apareceram usados nos mesmos contextos e parecem estabelecer uma relação de oposição entre si, como é possível verificar no exemplo de contexto expandido a seguir: *Em vez das idealizações que, como vimos, dominam as ilusões narcísicas do Ego ideal, o Ideal do ego* põe em movimento outros dispositivos, dentre os quais um lugar de destaque reservado ao mecanismo da sublimação.

Quanto à *psicologia do ego* e *ego da criança*, não é possível determinar com clareza se constituem ou não termos compostos. É possível que sim, mas é necessário verificar se essas unidades têm um significado do ponto de vista especializado (conceitual).

A pesquisa por colocados para *eu* apresentou 51 resultados, sendo que *eu ideal / ideal do eu* tiveram um número significativo de ocorrências (8 e 29, respectivamente). *Ego ideal* teve 14 ocorrências e *ideal do ego*, cinco. *Eu* também apareceu com uso substantivado, que é uma indicação de processo

de terminologização, quando usado em relação a *objeto*, como é possível ver nos dois exemplos a seguir:

- a) [...] a *contraparte empírica*, também não fornece o eu como objeto, sem o que nada se pode inferir acerca de seu [...]
- b) [...] *finalização do Édipo* quando a *identificação* do eu ao objeto sexual substitui seu investimento libidinal no [...]

Isso nos levou a analisar os *clusters* para *eu*, utilizando os mesmos critérios que para *ego*: quatro elementos e mínimo de duas ocorrências. Os resultados foram bastante surpreendentes, com várias combinações interessantes do ponto de vista terminológico. Algumas delas: [o] *eu e o outro*, *a constituição do eu*, *a intermediação do eu*, [do] *eu com o outro*, *a esfera do eu*, *a estruturação do eu*, *a identidade do eu*, *da proposição do eu*, *do eu em relação [a]*, *um não-eu*, *encontro do eu com*, *formação do eu* e *surgimento do eu*.

Assim, temos as seguintes correspondências de tradução para *yo*:

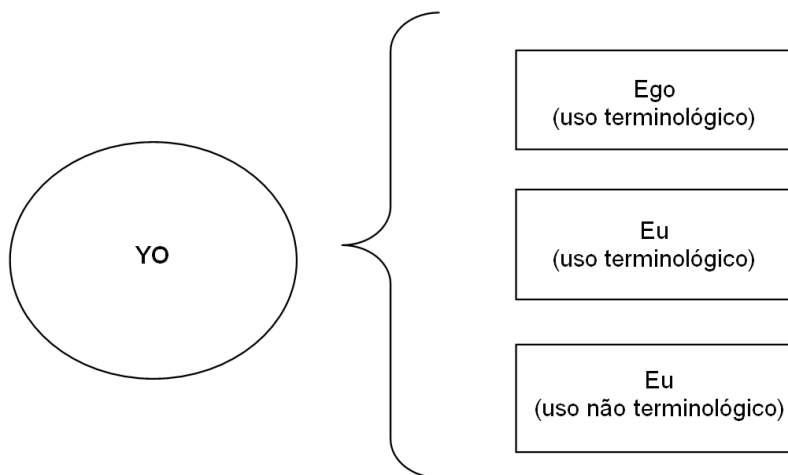


FIGURA 1 - CORRESPONDÊNCIAS DE TRADUÇÃO PARA *YO*

Fonte: elaboração própria.

Tanto no caso de *ello* quanto no de *yo*, temos um problema de reconhecimento terminológico que pode levar a uma dificuldade de tradução, uma vez que não basta conseguir reconhecer e delimitar a unidade

terminológica em si – é preciso, também, saber qual equivalente de tradução escolher de acordo com o contexto no qual o termo aparece, incluindo questões relacionadas à afiliação teórica do autor que está sendo traduzido.

5 Considerações finais

Através da pesquisa por contextos nos *corpora* da RUP e da *Revista Ágora*, foi possível encontrar várias correspondências e semelhanças de usos dos termos selecionados nas duas línguas de trabalho. Em alguns casos, as equivalências de tradução parecem ser bastante simples, dada a semelhança no nível morfológico entre os idiomas português e espanhol.

Cabe destacar, no entanto, que apesar das inegáveis semelhanças existentes entre o espanhol e o português no nível morfológico, há diferenças marcantes nos níveis sintático e semântico, o que interferirá, por exemplo, na escolha dos elementos co-ocorrentes aos termos, tais como verbos e preposições, e na própria construção sintática da frase. Daí a importância do uso de *corpora* no ensino e na prática de tradução, uma vez que a pesquisa em *corpora* proporciona tanto ao aluno quanto ao tradutor contextos de ocorrência autênticos, produzidos por especialistas da área em determinado idioma.

Até o momento, já foi possível identificar alguns desses padrões que ajudam no reconhecimento de um uso como possivelmente terminológico ou como não terminológico, conforme mencionado anteriormente. Os usos provavelmente terminológicos, tanto em espanhol quanto em português, são marcados pela substantivação; pelo uso combinado com adjetivo ou com outro substantivo, formando compostos, com ou sem preposição ou conjunção entre os elementos; pelo uso de inicial maiúscula ou pela relação com palavras como *concepto/conceito*, *noción/noção*, *definición/definição*. Os usos não terminológicos, por sua vez, aparecem com preposições, formando articuladores discursivos; ou, no caso de *yo*, no uso pronominal, marcado pelo verbo conjugado na primeira pessoa.

Com base nisso e na proposta do ensino por tarefas elaborada por Zanón (1990) e adaptada para o ensino de tradução por Hurtado Albir (1999, 2005), é possível pensar na proposta de uma tarefa de tradução dirigida a aprendizes que inclua uma etapa inicial de estudo do texto a ser traduzido com ferramentas de análise de *corpora*, a fim de verificar candidatos a termo e seus contextos de ocorrência. Com esse tipo de exercício, os alunos poderiam aprender a identificar possíveis problemas e/ou dificuldades de

tradução, além de criarem o hábito de elaborar glossários próprios para a realização de seus trabalhos.

Assim, a tarefa de tradução de um texto técnico-científico pensada para fins de ensino incluiria as seguintes etapas:

- a) leitura do material, identificação da área de conhecimento, do público-alvo, das características estilísticas mais marcantes;
- b) análise do texto em uma ferramenta como o AntConc, a fim de fazer o levantamento de possíveis termos e seus contextos de ocorrência;
- c) elaboração do glossário de trabalho, também utilizando recursos de análise de *corpora*;
- d) tradução;
- e) discussão e avaliação.

Embora na vida profissional o tradutor não tenha possibilidade de seguir uma metodologia tão detalhada para a realização de uma tradução, acreditamos que esse detalhamento durante a etapa de aprendizagem seja útil no sentido de propiciar ao aluno a familiarização com os textos técnico-científicos e com as terminologias, resultando em profissionais mais capacitados e com maior autonomia para resolver questões terminológicas.

Cabe destacar aqui que maior autonomia do tradutor com relação ao especialista da área não significa total independência. Por mais que um tradutor conheça e esteja habituado a trabalhar com textos de uma determinada área do conhecimento, ele é especialista em tradução, em texto, em idiomas – e não na área de especialidade que traduz, com raras exceções. Ou seja: algumas questões, por mais capacitado que o tradutor seja, só serão resolvidas em conjunto com os especialistas da área.

Referências

ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. B. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para a pesquisa linguística. In: *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 4, n. 3, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_calidoscopio/vol4n3/art04_aluisio.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2011.

BERBER SARDINHA, A. Lingüística de corpus: histórico e problemática. In: *Delta*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=en&nr m=iso>. Acesso em: 20 mai. 2011.

BEVILACQUA, C. R. *Unidades fraseológicas especializadas eventivas*: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar. 2004. 241f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Pompeu Fabra, Barcelona/Porto Alegre, 2004.

BEVILACQUA, C. R.; SALGADO, A. R.; SILVEIRA, D. A. Unidades fraseológicas especializadas eventivas: novas questões sobre seu reconhecimento em corpora textuais. In: *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. XV, 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3647>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

BIBER, D. Representativeness in corpus design. In: *Literary and Linguistic Computing*, v. 8, p. 243-257, 1993.

CABRÉ, M. T. Terminología y lingüística: la teoría de las puertas. In: *Estudios de Lingüística del Español*, Barcelona, 2002. Tradução de Rosanna Folguerà. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies16/Cabre.html#n1>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

CABRÉ, M. T. *et al.* La Terminología hoy: replanteamiento o diversificación. In: *Organon*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 33-43, 1998.

FULGENCIO, L. Paradigmas na história da psicanálise. In: *Natureza Humana*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 97-128, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302007000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 abr. 2013.

GARCIA, I. W. A tradução do texto técnico-científico. In: *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 28, p. 77-85, 1992.

GONÇALVES, J. L. V. R. O desenvolvimento da competência do tradutor. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 59-90.

HURTADO ALBIR, A. *Enseñar a traducir*. Madrid: Edelsa, 1999.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória. Aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Tradução de Fabio Alves. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 19-57.

KILIAN, C. K. *A retomada de unidades de significação especializada em textos em língua alemã e portuguesa sobre gestão de resíduos*: uma contribuição para a tradução técnico-científica. 2007. 247f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

- KRIEGER, M. D. G. Terminología general aplicada a la traducción. In: GALLARDO SAN SALVADOR, N. *Terminología y traducción: un bosquejo de su evolución*. Granada: Editorial Atrio, 2003. p. 49-65.
- KRIEGER, M. D. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Diccionario de Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliopsi.org/descargas/autores/laplanche/LaplancheJeanyPontalisJean-Bertrand-Diccionariodepsicoanalisis.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2013.
- MARQUANT, H. Terminología y traducción: la dimensión pedagógica de la terminología. In: GALLARDO SAN SALVADOR, N. *Terminología y traducción: un bosquejo de su evolución*. Granada: Editorial Atrio, p. 31-48, 2003.
- REISS, K.; VERMEER, H. *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*. Tradução de Sandra García Reina e Celia Martín de León. Madrid: Ediciones Akal, 1996.
- REUILLARD, P. C. R. *Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias*. 2007. 227f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/12506>>. Acesso em: 06 jun. 2013.
- SINCLAIR, J. Corpus and text: basic principles. In: WYNNE, M. *Developing Linguistic Corpora: a guide to good practice*. Oxford: Oxford Books, 2005. p. 1-16. Disponível em: <<http://ota.ahds.ac.uk/documents/creating/dlc/chapter1.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2011.
- SOUZA, P. C. L. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- VERMEER, H. El mundo como proceso: reflexiones traslatológicas. Tradução de Célia Mastín de León. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 24, p. 5-18, jul./dez. 1994.
- VIÑAR, M. N. Derechos humanos y psicoanálisis. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, Montevideo, v. 106, p. 149-174, 2008.
- ZANÓN, J. Los enfoques por tareas para la enseñanza de las lenguas extranjeras. In: *Cable*, v. 5, p. 19-27, 1990.

Data de submissão: 25/02/2015. Data de aprovação: 16/06/2015.